Revista Aspas
ppgac - USP

ISSN: 2238-3999

CORPO CIDADE

Volume 10
nº 1
2020

PRCEU
pró-reitoria de cultura
e extensão universitária
USP

Revista Aspas
ppgac - USP

Prof. Dr. Fausto Roberto Poço Viana - USP
Editor Responsável

CAMILA MOREIRA GOMES - USP

ME. DANILO SILVEIRA - USP

ME. SAULO VINÍCIUS ALMEIDA - USP
Editores

Comissão editorial
Me. Heloísa Helena Pacheco de Sousa - USP
Me. Laura Haddad - USP
Dr. Luiz Fernando Ramos - USP
Me. Maria Celina Gil Reis Boeira - USP
Mateus Fávero - USP
Me. Phelippe Celestino - USP
Dra. Sayonara Pereira - USP
Me. Tainá Macedo Vasconcelos - USP
Maria Eduarda Andreazzi Borges - USP

Imagem de capa: Performance CU-RA-DU-RIA EMERGENCIAL, de Läz Raphaellie.
Crédito da foto: Rose Steinmetz
(registro cedido pelo Arquivo Artístico de Dados – AAD, do Museu Transgênero de História e Arte – MUTHA)

Revista Aspas
ppgac - USP

DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v10i1p1-7

Editorial

CORPO CIDADE

Editorial

Camila Moreira
Danilo Silveira
Saulo Vinícius Almeida

A potencialidade de uma relação espaço-corpo estaria adentrada no interior da singularidade? Uma ação igualitária na criação que parte da espacialidade estaria em relação com um pertencimento social do que se está sendo compartilhado? Partiremos de pronto para uma intenção de pensar a relação entre corpo e cidade como abertura de espaços possíveis e, bem como, pertencimento. Abrir espaços para uma desejável lapidação de construção de algo que ainda não se sabe, saborear o que ainda está por vir dessa ação potente de poder pertencer. O pertencimento, por sua vez, como atuação, e a atuação é escolha responsável de contribuir de modo suficiente com o que está sendo dado. Tendo isso em vista, a edição de número 10.1 da Revista Aspas, lançada neste ano de 2021, pretende contribuir com o debate sobre as possíveis relações entre corpo, arte e cidade. Desde o final do século XIX até esse começo de século XXI, acompanhamos uma espécie de êxodo de artistas que tentam desobedecer às convenções estabelecidas tanto nos cubos brancos dos museus, quanto nas caixas pretas dos teatros, desdomesticando essas relações.

Tal êxodo tem elegido o espaço-tempo urbano como local privilegiado de atuação, ao investigar de que modo os corpos produzem as cidades e outros sítios, bem como, de que maneira os outros sítios e as cidades produzem os corpos, enquanto promovem aquilo que o artista brasileiro Hélio Oiticica denominou como poetização do urbano. Isto é, a partir de um corpo-a-corpo com a cidade e sítios específicos, artistas de diferentes linguagens têm experimentado o que tem sido chamado de impulso situacionista-relacional.

De acordo com o pesquisador britânico Nicolas Whybrow (2010), esse impulso situacionista-relacional ocorre na e pela proliferação de acontecimentos artísticos sem estruturas prontas e dadas a priori, nos quais o que parece estar em jogo é justamente o acionamento de outras possibilidades de co-presença corporal no e com cotidiano urbano. Para a arquiteta e urbanista brasileira Paola Berenstein Jacques (2012), tal processo ocorre somente através do engendramento de micro resistências urbanas que são ativadas à medida em que a arte constrói dissensos em pelo menos três níveis distintos, mas que estão correlacionados entre si: a complexidade da

relação corpo e cidade, a vitalidade do uso dos espaços públicos e o desenfreado processo de museificação das cidades contemporâneas.

Partindo dessa perspectiva, os trabalhos dispostos nesta edição buscam discutir possíveis relações dos corpos com os processos de urbanização das experiências artísticas, e pensar como essas ações artísticas acionam inúmeras possibilidades para esses corpos na(s) cidade(s). Pode-se também perguntar, a partir da leitura deste número, de que maneira essas ações desvelam e resistem às linhas de poder que demarcam os espaços urbanos. De outro modo: como as práticas artísticas nos permitem perceber quais corpos habitam essas zonas citadinas, em luta contra a segregação, a negação, a violência e a normatividade que impede a circulação de determinados corpos em determinados espaços ditos “públicos”? Além disso, ao passarmos por esses textos, poderemos ver de que forma esses mesmos espaços ingerem, intervém, modificam essas práticas, os corpos e sua poética, assim como, inseparavelmente, os artistas, no jogo com a cidade, desabituam e tornam atentos os olhares sobre esses territórios, seus traçados, arquitetura, matéria, linguagens, paisagens e todas as formas de vida que os constituem.

É impossível deixar de mencionar que este número é lançado em um segundo e devastador ano pandêmico, em que os corpos – em toda parte do mundo - sofrem com a disseminação do novo coronavírus. No Brasil, a essa altura, contabiliza-se mais de meio milhão de vidas ceifadas, além de tantas outras milhares que seguem enlutadas. Fomos impelidos a nos afastarmos do convívio presencial coletivo, ao passo em que sofremos – ainda – outras formas de aniquilamento: as desigualdades sociais cada vez mais alarmantes, o desmonte da educação, da cultura, das ciências, as tentativas de silenciamento ao pensamento crítico e dissidente, o racismo, o feminicídio, o crescente ataque às comunidades periféricas, aos direitos dos povos originários, aos corpos LGBTQIA+, corroboradas e projetadas por um Estado violento e omisso.

Diante desse difícil contexto, afirmamos a importância e a urgência da reflexão, do diálogo a respeito das relações e da inscrição das artes nos meios urbanos, nas ruas, na esfera pública, conforme nos conduzirão os artigos. Por

outro lado, não escaparemos de perceber que ocupar, intervir, agir, agitar artisticamente os espaços plurais das cidades significa poder também questionar quais são os poderes que os regulam e que operam sobre os corpos, subjetivações e tantas existências - sempre - díspares, plurais.

A capa desta edição traz o registro da performance CU-RA-DU-RIA EMERGENCIAL de Läz Raphaellie, arquiteta e artista visual que se dedica às problemáticas estabelecidas entre corpo e cidade pelo viés da etnia-gênero-classe. A performance é uma ação estético política composta por dois momentos, o primeiro apresentado na abertura da Exposição Histórias Afro-Atlânticas, no MASP, e o segundo apresentado durante a segunda cerimônia de abertura da exposição de mesmo nome, desta vez no Instituto Tommie Otakie. O objetivo foi questionar a presença de corpos e obras hegemônicas, que ainda contribuem para a manutenção da estrutura colonial de uma grande exposição com temática diaspórica, e convocar uma nova curadoria em torno de um material que não estava presente até então. O registro fotográfico foi cedido pelo Arquivo Artístico de Dados (AAD) do Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA), inaugurado em novembro de 2020. A fotografia é da autoria de Rose Steinmetz.

Na seção Especial, tem-se o artigo *Corpos Kõkamõu: uma relação simétrica entre indígena e não indígena na tríade corpo-cultura-aldeia/cidade*, de autoria de Luiz Davi Vieira Gonçalves, professor da Universidade Estadual do Amazonas. Nesse texto, o autor parte de suas vivências junto aos povos demarcados como os Yanonami, Kubeo e Ye'pá Mahsã, os povos indígenas em contexto urbano na cidade de Manaus, para problematizar as práticas interculturais entre artistas e povos indígenas. Sugere uma metodologia que denomina *kõkamõu,* uma relação simétrica e afetiva entre indígena e não indígena, a partir da qual reflete sobre a tríade já anunciada no título: corpo-cultura-aldeia/cidade.

Com sensibilidade, Candice Didonet, professora da Universidade Federal da Paraíba, apresenta em seu artigo *poetizando cidades entre nuvens, palavras e cardumes*, três metáforas poéticas, tal como o título sugere, que corporificadas possibilitam outras formas de apreensão da urbe, a partir da complexa relação corpo-natureza-cidade. As nuvens em sua

transitividade, fugacidade e distância que leva o corpo a certa organização física e cognitiva para observá-las, são o mote da primeira performance apresentada e debatida neste artigo. Vestir e desvestir nuvens como um caminho para criação. A palavra, enquanto pausa para escrita ou leitura, enquanto permanência de riscos traçados sobre meios que se vão com o tempo ou com o vento é o mote da segunda performance que traz à baila as relações entre escrever, ler, o material com que se escreve, o corpo e o espaço. Na terceira prática cênica apresentada pela autora, as palavras são trocadas por gestos, um cardume de corpos que movem-se criando borrões em fronteiras – fronteiras individuais, coletivas, dos espaços.

Abrindo a seção de artigos, trazemos o texto *Um olhar feminino sobre a performance Excesso, Pedras e Peso.* Nesse artigo, as autoras Marcella Nunes Rodrigues e Gisela Reis Biancalana dividem com o leitor a experiência de escuta, troca e afetação que compartilharam com inúmeras mulheres durante ações que geravam fissuras nos fluxos urbanos. Narram como transformaram dores em pedras e pedras em poesia. Poesia dura, mas de uma dureza com contornos terapêuticos.

Em *Empedramento corporificado: Reflexão acerca do processo urbano de imunização a partir da relação entre corpo e pedra,* Maeza de Vasconcelos Donnianni traz uma extensa reflexão sobre os processos de empedramento. Aborda a lapidação dos corpos na construção de um estado de imunidade à diferença, problematizando relações entre individualidade e coletividade. O texto de Donnianni torna-se particularmente interessante nesse momento em que a humanidade atravessa uma sindemia, contexto que desdobra os sentidos propostos pela autora e nos suscita, por fim, a questionar a relação entre corpo, comunidade e imunidade na sociedade neoliberal e a nos arriscar a pensar sobre quais marcas a sindemia de COVID-19 deixará nessa tríade.

O artigo *Geometrias do corpo: entre o Butô e a arquitetura*, de Ian Guimarães Habib e André Bambirra Vaillant, propõe um contraponto entre as noções de corpo e espaço desenvolvidas tradicionalmente na arquitetura e no urbanismo e aquelas da dança, em especial o Butô. Para tanto, a seção "Espaço feito corpo" analisa as formas de representação, a morfologia e a história da arquitetura clássica, apontando nessas propostas a rigidez das

figuras humanas e sua impossibilidade orgânica. A seção “Além da forma inscrita” analisa o espaço do corpo em movimento, tendo como mote alguns episódios da história da dança, em relação ao espaço. Por fim, a seção “Através do corpoespaço” propõe os conceitos de “corpoespaço” e “espaçotempo” na dança de Min Tanaka e no Butô.

Murilo Moraes Gaulês em *Dicotomias do espaço: abordagens anticoloniais nas práticas de Mujeres Creando* analisa rupturas epistemológicas presentes nas práticas performáticas do coletivo anarcofeminista Mujeres Creando. O autor utiliza-se da ideia de uma prática que se faz existir às margens (da Arte, do cânone, dos centros de poder) para narrar a sua ótica sobre a prática de Galindo ao mesmo tempo que questiona as estruturas sociais que definem a arte e suas operações no mundo. Assim, o autor se vale de pensadores como Paul Preciado, Jota Mombaça e Sayak Valência para evidenciar violências de gênero, de raça, classe, processos de apreensão de pautas identitárias, censuras institucionais, marcas coloniais.

As intervenções artísticas: as possíveis frestas das ruas, artigo de autoria de Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, inicia-se por evidenciar as demarcações sociais dos espaços das cidades, das ideologias e discursos que os espaços comportam e que indicam quais grupos pertencem àquele lugar e de que maneira, devem pensar e agir. Ressalta, contudo, que a percepção dessa forma de operação é uma possibilidade de criação de contradiscursos, de se criar brechas nos espaços, contexto esse em que os espaços públicos aparecem como campos de batalha. Na segunda parte do texto, reflete sobre o funcionamento da intervenção urbana, as tensões, rupturas e acentuações que geram com as espacialidades e seus discursos, na relação estabelecida entre a estrutura arquitetônica, o objeto poético e o transeunte.

Na seção Desenhos de Pesquisa, temos o texto *O Tensionamento afetivo nas relações entre corpo e cidade através do Programa performativo no espaço urbano*, escrito a seis mãos é fruto da pesquisa de Iniciação Científica de Jéssica Sousa Faria e elaborado em parceria com seus orientadores Marcelo Braga de Carvalho e Sandra Regina Facioli Pestana. O texto trata de uma experiência de deriva pelo centro de São Paulo, buscando

apreender vestígios dessa experiência que indiquem formas outras de relação entre corpo e a cidade que não as cotidianas.

Na sessão Do Lado de Fora do Teatro, a arquiteta Letícia Becker Savastano apresenta em seu artigo *O lugar impossível do corpo na cidade* um caminhar junto a algumas obras da artista Lais Myrrha. Savastano nos leva a visualizar o lugar e o instante do desaparecimento dos corpos nas cidades por obras que evocam a memória e o apagamento realizado pela urbe e suas dimensões físicas e políticas. Em seu texto, as imagens condensam temporalidades e desnudam a permanência de violências, como evidencia-se ao tratar de uma intervenção realizada em frente às ruínas de uma antiga penitenciária. A autora, na construção de seu argumento, dialoga com os conceitos de heterotopia de Michel Foucault e com o conceito operacional de Desmanche. O texto nos guia por lugares onde corpo e palavra são impossíveis. Frente às mais de 500 mil mortes por COVID-19 no Brasil, muitas das quais poderiam ter sido evitadas, o texto de Savastano nos propõe refletir sobre as imagens, acontecimentos, monumentos, obras em que nem o corpo e nem a palavra são ainda possíveis, pois foram interditadas, aterrados, sufocados.

Por fim, a seção Forma Livre conta o texto *Rastejar como ato terrorista: um corpo desobediente rasgando calçadas do gênero* de autoria de Princesa Ricardo Marinelli. O texto, quase um manifesto, aborda o processo de criação da performance *Não alimentem os animais.* Com potência e visceralidade, na esteira de Donna Haraway, reflete sobre um corpo ciborgue, evocando certo pós-humanismo para a partir dessa ótica repensar a cena, entender sua prática artística, seus desejos, afetos, sua corporeidade. Em sua performance, busca formas de abolir classificações binárias de gênero, levando à rua, às ladeiras das cidades brasileiras pelas quais passou a instauração de uma crise, desvelando nos transeuntes preconceitos enraizados.

Referências bibliográficas

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.

WHYBROW, Nicolas. **Art and the city**. New York: I. B. Tauris & Co Ltd, 2010